

ENTREVISTA COM MARIA LIGIA BARBOSA

Realizada por Maria Luiza Canedo e Alice Xavier

A socióloga Maria Ligia de Oliveira Barbosa foi é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora com ampla experiência nos diferentes aspectos relacionados a desigualdades sociais, hierarquias sociais e profissões e políticas educacionais. Coordena atualmente o projeto de pesquisa intitulado Origem familiar, experiência escolar e destino social: a trajetória da desigualdade e a formação de valores. Vice-Presidente para a América Latina do RCO4 - *Sociology of Education da ISA - International Sociological Association*, esteve recentemente no ISA Fórum em Buenos Aires. Entre sua ampla produção bibliográfica destacamos *Desigualdade e Desempenho: uma introdução à sociologia da escola*, publicado em 2009.

Sociologia da Educação - SE: Você poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória até o mundo acadêmico?

Maria Ligia: Num certo sentido a trajetória foi absolutamente normal para o meu grupo social. Cresci numa família que valorizava muito a educação e desde criança via e ouvia histórias sobre a importância de "fazer uma faculdade", ser independente. Assim, saí do terceiro colegial (esse detalhe é um indicador sociológico de idade: jovens não sabem mais do que se trata...) entrei para o curso de ciências sociais (nesse caso, um pouco contra os desejos da família, com duas honrosas exceções: uma tia do serviço social e minha mãe, "formada" na prática - para criar 9 filhos - em pediatria e psicologia infantil).

Mas se essa entrada na universidade, do ponto de vista leigo, já seria o primeiro passo na academia, aprendi a ver que eu mesma fiz escolhas que efetivaram isso. Passei por inúmeros estágios de pesquisa, tive empregos parecidos com esses estágios e sempre optei por um trabalho que posso chamar de acadêmico: inicialmente de monitoria e depois como professora.

Os tempos eram outros e, no momento da minha formatura, eu já tinha sido escolhida para continuar na carreira docente, pois esse era o destino dos estudantes que tinham feito a monitoria. Em 1978 houve uma expansão significativa dos postos de trabalho docente com a criação dos ciclos básicos (no caso da UFMG eles eram divididos em 3 grandes áreas: biológicas, exatas e humanas).

Já como professora de sociologia, no ciclo básico de ciências humanas comecei a me preocupar com a necessidade de investir mais na minha formação. Fiz então o mestrado em educação e o passo seguinte, para o

doutorado em sociologia, foi também quase natural. Mas é importante dizer que foi apenas no doutorado que tive a oportunidade de descortinar de forma clara o que seria o trabalho acadêmico em sua dupla entrada de pesquisa e de ensino. Como eu amava dar aulas, descobrir novos horizontes do que eu poderia ensinar a partir das minhas pesquisas foi muito bom.

SE: Quais foram as principais influências que você recebeu durante a sua formação universitária?

Maria Ligia: Entrar na universidade no início dos anos 70 significava receber uma formação marxista praticamente em todas as disciplinas. E mais ainda, nos grupos de estudos que nós, estudantes, formávamos para discutir... novamente os autores marxistas. Seria quase uma fixação doentia se não fossem alguns professores que faziam questão de lecionar as disciplinas a eles atribuídas segundo o conteúdo que elas efetivamente deveriam ter.

Com o passar dos anos, com a insatisfação com as respostas encontradas no marxismo (dominante na época do meu mestrado) para os problemas ligados a educação, comecei a busca de uma sociologia digna desse nome. Os estudos marxistas não abriam caminhos razoáveis para o entendimento das questões propriamente sociais, principalmente aquelas no campo da educação. Pelo menos aquele marxismo muito fraco e pouco científico que nos era ensinado.

Nesse caso, um golpe de sorte me obrigou a estudar mais profundamente a obra de Max Weber: uma colega que era responsável pela disciplina onde esse autor era ensinado foi indicada como diretora da faculdade e não poderia mais lecionar essa disciplina, que foi passada para mim. Foi uma descoberta maravilhosa: uma perspectiva que efetivamente buscava destrinchar os mecanismos de poder e as formas de domínio nas sociedades contemporâneas. Uma perspectiva que mostrava a importância do capital econômico sem perder de vista as dimensões propriamente sociais das instituições, do poder, da desigualdade. Depois vieram Bourdieu, Touraine e Durkheim, nessa ordem.

SE: Como se deu a escolha pela sociologia? E pela educação como objeto de estudo?

Maria Ligia: Num primeiro momento, não havia muita escolha. Entrando no curso de ciências sociais eu, como vários contemporâneos, tínhamos um pouco do complexo de Indiana Jones: queríamos fazer arqueologia e ir pro

Egito. Claro que tínhamos os colegas mais politizados e que viam o curso de ciências sociais como uma formação para comunistas intelectualizados... Acontece que tínhamos bons professores principalmente de sociologia e ciência política. E se nós "cassamos" alguns dos melhores entre esses últimos, os de sociologia fizeram um trabalho árduo para nos convencer sobre a importância de uma perspectiva científica sobre o social que, para nós, se traduzia na sociologia. Se eu não fosse socióloga, se eu não percebesse as disputas enormes que estavam em jogo aí eu diria que foi natural...

A escolha pela educação não teve a ver, realmente, com a passagem pelo mestrado de educação. Já naquela época, o mestrado em educação era um ajuntamento de fraquezas e fracassos da sociologia, da economia, da filosofia, sem qualquer preocupação com a formação efetiva e profissional de educadores. Não havia qualquer disciplina didática ou pedagógica nem no mestrado nem na licenciatura. Havia arremedos de sociologia... Sei que hoje há cursos com características bem diferentes, mas tenho dúvidas quanto ao que poderíamos denominar de 'main stream' na área de educação. Nesse sentido, a escolha da educação como objeto, tal como vejo hoje, foi uma combinação de duas coisas: a oportunidade de fazer pesquisas com uma colega que me inseriu no trabalho acadêmico e na carreira de pesquisador do CNPq, e o fato de pesquisar e fazer estudos sobre desigualdade social e do papel desempenhado pela educação na sua construção.

SE: Nos anos 1960, Luiz Pereira discutia as diferenças nas análises sobre educação feitas por sociólogos e por educadores. Você acha que estas diferenças ainda permanecem?

Maria Ligia: Eu devo confessar que essas diferenças, tal como eu as vejo, permanecem as mesmas desde Durkheim. É verdade que os colegas da área de educação não acreditam nessa diferença, mas eu gosto de destacar que os sociólogos buscam compreender os padrões de relações sociais envolvidos nos processos educativos, principalmente na educação formal. Caberia à pedagogia, como ciência da educação, discernir as formas, técnicas e métodos que permitissem o cumprimento da principal missão da escola: repassar a todos os cidadãos, independente de origens, raça ou sexo, os conhecimentos essenciais para levar uma vida digna na sociedade da qual fazem parte. São perspectivas distintas, ainda que o objeto seja muito próximo, quase o mesmo. Sociólogos não 'roubam' o mercado de trabalho dos pedagogos. Sociólogos analisam relações sociais, pedagogos analisam formas, técnicas para ensinar. Sociólogos verificam os efeitos sociais ou a eficácia

socialmente distinta dos métodos pedagógicos e dos ensinamentos feitos na escola. Pedagogos criam (ou deveriam criar) e desenvolvem as melhores formas para ensinar os mais diferentes grupos sociais.

SE: Hoje observamos também uma presença cada vez mais forte dos economistas nos debates sobre educação. Como você vê as análises que vem sendo feitas por eles?

Maria Ligia: Houve um tempo em que fiz muitas guerras aos economistas. Hoje eu aprendo com eles e acho que a sociologia devia fazer o mesmo. É claro que a ciência econômica tem vários limites na compreensão dos processos educativos. No entanto, a abordagem econômica, por suas exigências de abrangência e formalização bem maiores que na sociologia, abre caminhos muito interessantes para a explicação dos fatos sociais. O único problema seria considerar, como fazem vários sociólogos, até mais que os economistas, que o fator econômico é o principal determinante das trajetórias educacionais. Enquanto pudermos tratar esse fator econômico como parte de um complexo de relações onde também são essenciais as identidades coletivas, as formas de agir e pensar socialmente distintas, nós seremos capazes de fazer excelentes análises das disputas sociais que configuram a educação.

SE: No seu livro "Desigualdade e Desempenho", lançado em 2009, você apresentou dados de uma pesquisa realizada em 24 escolas de Belo Horizonte. Você poderia resumir o resultado desta pesquisa? Que novos desafios de investigação você encontrou a partir deste trabalho?

Maria Ligia: Esse livro resultou de vários anos de trabalho no qual, talvez, o meu maior aprendizado tenha sido como fazer pesquisa empírica e produzir dados primários, com todo o processo de criação de variáveis, de busca de compreender o sentido das relações estatísticas que eu podia estabelecer. Foi um processo intenso de construção conceitual: as colegas americanas que coordenavam a pesquisa (comparativa, incluindo além do Brasil, a Argentina, o Chile e o México) são economistas que fizeram questão de deixar em aberto tanto as abordagens quanto algumas das escolhas metodológicas locais (por exemplo, apenas no Brasil foi feita a análise opondo duas redes públicas de escolas bem organizadas e com políticas distintas). Isso foi um aprendizado e tanto... Como dizem alguns alunos meus, fazer pesquisa da vida real é complicado.

Não é possível resumir e apresentar um resultado da pesquisa. Há um deles que gosto muito que é a demonstração de que as percepções das famílias sobre as trajetórias escolares são diferentes se essas famílias forem brancas ou negras.

Do meu ponto de vista, o maior desafio, ainda presente nas pesquisas que faço, é compreender o significado da educação para os brasileiros. Quanto mais estudo a educação, mais eu verifico que esse é um dos pontos essenciais para a análise da escola em todos os seus níveis. Precisamos entender por que as famílias fazem (ou não fazem) esforços e investimentos para educar os seus filhos. Precisamos entender quais são as famílias que fazem uma coisa ou outra. Precisamos entender quais os resultados práticos desses investimentos que são econômicos, mas também sociais, afetivos, psicológicos, morais.

SE: Em alguns de seus trabalhos você trata da atuação do professor da educação básica no ensino público. Junto com outros autores como Schwartzman, você faz críticas a algumas crenças partilhadas, como o respeito ao ritmo do aluno, a influência da origem social no desempenho, e principalmente à formação dos professores. O que você acha que deveria ser priorizado na formação de professores no Brasil?

Maria Ligia: Eu acabo de fazer um artigo, com Nelson do Valle Silva, em que mostramos que os brasileiros amam seus professores. Parece estranho quando se verifica que esses mesmos brasileiros percebem bem que a escola em que estudaram tem vários defeitos.

O que parece ser o problema é que justamente os mais escolarizados gostam menos de seus professores. Aparentemente, esse paradoxo poderia ser razoavelmente compreendido como resultado de uma combinação entre baixíssima qualidade técnica dos professores e uma imensa dose de paternalismo desses professores em relação aos seus alunos mais pobres. Acredito que a antiga fórmula de Zaia Brandão, "quem não sabe ensinar ama" vem se traduzindo numa escola que fracassa no cumprimento de seus deveres mínimos e por isso é tão criticada.

Pode parecer uma fórmula corriqueira, mas acho que Simon Schwartzman tem razão quando ele diz que no Brasil há uma falha imensa na formação dos nossos professores: eles precisam aprender a ensinar. E isso não é uma questão de amor ou de ideologia: é pura e simplesmente uma questão de conhecimento e método.

SE: Você esteve recentemente no 2º ISA Fórum de Sociologia em Buenos Aires. Quais foram os principais focos de debate? Você viu diferenças em relação aos estudos que vem sendo feitos no Brasil?

Maria Ligia: Bom, é difícil resumir. Mas ousou dizer que o Fórum foi fraco em termos gerais e muito bom na área de educação, ou pelo menos na parte verdadeiramente internacional dela. Digo isso porque foi feita uma escolha de produzir seminários e mesas em espanhol que não puderam ser acompanhados pela maioria dos presentes e foram marcados por um caráter profundamente ideológico.

Na parte científica creio que a discussão principal girou em torno das formas (muito diversas) de construção de uma escola democrática (para usar o termo cunhado por Gary Dworkin e Lawrence Saha em estudos do início dos anos 2000). Esse foi o eixo proposto pelo congresso (The Promotion of Social Justice and Democratization in Education: Assessments of Structural Opportunities and Barriers) e creio que foi muito bem desenvolvido.

Creio que o Brasil foi muito bem representado e estava à altura dos debates internacionais. Como em qualquer país, sempre é possível encontrar pontos mais altos e mais baixos e acho que a pesquisa brasileira tem conseguido acompanhar os debates internacionais. Sempre é preciso investir mais: a melhor parte desses congressos é que podemos ver por onde vão as pesquisas dos colegas em outros países, conversar com eles e aproveitar a oportunidade de aprendizado.

SE: O que você considera mais interessante na produção da sociologia da educação atualmente?

Maria Ligia: Acho que são as diferentes tentativas de avaliar o quanto cada uma das dimensões da vida escolar pode ter impactos sobre a trajetória social e profissional dos alunos. Saímos da idéia de uma caixa preta e agora temos conceitos e métodos que nos permitem investigar o funcionamento de várias dimensões da instituição escolar assim como a contextualização dos seus agentes na estrutura de desigualdades, nas novas formas tecnológicas, nos novos desenhos do mercado de trabalho. Talvez se possa dizer que a pesquisa nessa área esteja mais sociológica e mais científica.

Tenho investido mais recentemente no estudo do ensino superior: temos bons pesquisadores que já trabalham nessa questão há muitos anos, como é o caso do Carlos Benedito Martins, mas ainda há muito a pesquisar pois acredito que a nova arena de disputas sociais na educação está no ensino superior. Nesse caso, tanto é importante a pesquisa sobre o funcionamento

das instituições de educação superior e do acesso a elas quanto aquela sobre os efeitos no mercado de trabalho e na vida profissional.

SE: Que recomendações de leitura você faria àqueles que estão iniciando seu trabalho na pesquisa em educação?

Maria Ligia: Imagino que vocês estejam me pedindo uma bibliografia. Mas vou fazer diferente. Acho que quem quer começar a pesquisar a educação - do ponto de vista da sociologia - deve primeiro ir aos clássicos, Durkheim, principalmente, mas também Weber. Em seguida, eu recomendaria Bourdieu, claro - não a 'reprodução' mas alguns textos específicos publicados em coletâneas (originalmente, em revistas): o diploma e o título; a escola conservadora - porque ele permite compreender o duplo caráter da educação, sua natureza integradora, constitutiva de um cidadão participante, sua natureza desigual. Passaria em seguida ao Dubet, por seus estudos sobre a experiência social que buscam reforçar a ação e capacidade de agência do indivíduo sem apagar as marcas das estruturas sociais. Depois disso, eu recomendaria alguma literatura com balanço de pesquisas (Cornelius Riordan ou Jean Claude Forquin). Daí em diante, acho que o fundamental é ler um bocado as revistas na área: no Brasil temos várias revistas de qualidade, tanto na sociologia em geral quanto na área de educação. É fundamental ler e aprender com a produção recente dos colegas. Esse não é o costume nos nossos cursos, que indicam majoritariamente os livros e pouquíssimos artigos em periódicos. Creio que a pesquisa em nossas áreas só teria a ganhar com o uso mais intenso dos periódicos. Essa seria uma forma de reforçar o caráter científico do nosso trabalho. Para mim, a marca científica é essencial para a análise da vida social, em particular nos aspectos relativos à educação, objeto de intensas disputas políticas, econômicas e sociais.